

ALFARRÁBIOS

2016 © os esquerdos autorais

Fanzine

Os textos aqui publicados são de inteira responsabilidade de seus autores.

Foi impresso por Armazém de Quinquilharias e Utopias

Responsável: Paulo de Carvalho

Contato

55 21 99556-1007

armazemdequinilhariaseutopia@gmail.com

Utopia
Brasil

CAMILLA OLIVEIRA



Camilla aprecia a paisagem da janela do seu quarto. Gosta especialmente de sol, de mar, de céu-azul, beija-flor e gaivotas. É psicóloga de formação, atuante em escolas municipais do Rio de Janeiro e aposta na poesia falada como uma ferramenta de transformação subjetiva e social. Tem pela literatura uma grande paixão. Desde muito jovem, as palavras e os livros são janelas a abrir novos mundos: se desloca de lugares de solidão e pouco movimento para outros mais povoados e férteis, onde se sente mais viva. Encontra nas palavras escoamento, refúgio, ancoragem e possibilidade de fluir. Camilla escreveu uma dissertação de mestrado sobre suas experiências com a poesia falada, “Poesia falada: A arte de deflagrar tráfegos no cotidiano escolar”, defendida em 2017 no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente está cursando o doutorado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com um projeto de pesquisa que aborda as poéticas do corpo a partir das relações entre corpo, poesia e vida no slam.

Doce de goiaba:

Eu mergulhei de cabeça no pote de doce de goiaba
Até o fundo
E me tornei doce, açucarada
Só quem prova com o paladar apurado
Percebe um gosto azedo no final
É a ira, a vontade de tirar tudo do lugar
Lá onde mora a indignação
Se você olhar rápido, não vai perceber
Tem que se lambuzar,
Pra provar o amargo que a doçura pode ter
A doçura é boa
Mas às vezes cansa, enjoa
Nessa hora eu mergulho pra encontrar o selvagem
A ferida inflamada, a cicatriz
A veia aberta que pulsa
Não quero mais domar os bichos ferozes que me habitam
Quero soltar meus gritos silenciados pelo medo,
Pelo hábito, pelo conformismo
Abrir a tampa do pote de doce de goiaba
Deixá-lo escorrer, vermelho como o sangue
Ou quebrar o pote em mil pedaços
Espatifar
O vidro se misturando com o doce no chão cuidadosa-
mente branco da cozinha

ALFARRÁBIOS XVI

Ou abrir o pote e passar o doce no corpo inteiro

Sentir o cheiro e a textura

A cor vermelha entrando pelos poros

Acho que faria um doce menos doce

Com pitadas de turbulência e de precipício

CECI ROGERS



A poeta é natural de Niterói, onde reside. É Mestre em literatura portuguesa pela UFF e desde muito jovem acalentou a poesia em si. Somente em 2018 concretizou esse caminho poético com a publicação de seu livro “Ardia a poesia em Maria” pela Pachamama Editora. Livro sensorial na escrita e na fotografia de seu filho, Ricardo Rogers. Participou em 2019 das Feiras literárias de Niterói e de Paquetá.



Fronteira Invisível

Invisível

A fronteira

À beira

Do caminho

Que me separa

De ti

A quem

Me vejo

Por inteiro

Refletido

No espelho

Colocado

Em tênue linha

Divisória

Demarcatória

De nosso território

De espaços sem fim.

Os mesmos traços

Ancestrais

Os mesmos deuses

Divinais

O que procuro

Em ti

ALFARRÁBIOS XVI

Que não encontro
Em mim?
Atravesso
A frágil linha

E ainda
Sou
Quem
Tu és.
Invisível
A verdade
Que me separa
De ti
Partes fluidas
E unidas
De uma mesma
Identidade.

Cecília Rogers



JORDÃO PABLO DE PÃO



Escritor, professor e pesquisador de memória literária. Autor de “Abre Caminhos” (2017); “O Mar do Meu Velho” (2018) e “Café Quente” (2019). No prelo, “Na Senda do Ser”, com Paulo de Carvalho. Já participou de diversas edições de “Alfarrábios”. Membro Titular da Academia Niteroiense de Letras. Membro do Coletivo Afeto Poético. Curador de diversas exposições, mostras, séries de saraus e eventos literários. Atualmente, Diretor da Biblioteca Guaracy de Albuquerque Souto Mayor e Coordenador de Programação do Solar do Jambeiro (Niterói, RJ).



Alvorecer

A Morte estava a me ensinar algo muito importante. Percebi que me falava sobre a responsabilidade de cada um no próprio existir, meu papel no caminhar de minha própria vida.
(Andreia Maraglia, “Aurora e a Morte” in Alfarrábios XV, p.13)

Certa vez encontrei a Morte e ela estava viva. Eu também. Miseravelmente vivo. Com prazo de validade, etiquetas de lojas de marca, muito aparelho eletrônico na mochila que sustenta todo um mundo e enverga minha coluna ereta, sigo pelo caminho de existir. Sou responsável em demasia. Pelas dores. Pelas lágrimas. Pelo espaço que ocupo e pela execução desta música branda, coisa de piano, que oiço lá longe, e cada dia sinto mais perto. Sinto a faísca congelante de sua inevitável presença nas marcas muitas que, a cada dia, descubro. Relatos novos de crimes antigos. Sou responsável. Sou. Com a afiada estaca que marca o tempo a dilatar o amargo cone da vida. Sou rio pororoca blasé. Miseravelmente eu. Miseravelmente suficiente. Um estampido e a Morte volta. Um estampido e continuo na contínua correnteza de ser. O ar que entra neste campo aberto não me foi tirado, o ar foi retraído. Sinto sua mínima plácida demais para ser reconhecida pelos transeuntes capitalizados pelas letras que mais dizem do que são. Seja notada a paradoxal condição humana nos ditames deste século XXI: os que são vertem-se em coisas que jamais serão. Delicadeza demasiada viver entre seres que não se fazem, mas são feitos. Fabulações. Histórias estéreis da criatividade do continuum, bardo forçoso de pungência, fracas placas superficiais que nada sabem da essência. Cada placa, só si. Cada si, só placa. Bradaria se pudesse. Mas só há tic tacs e marcas e sofrimentos e músicas e paradoxos e ar e historietas. Há eu. Há a Morte. Finito. O amor é finito. O dia, finito. A alma, as massas, as maçãs... finitas. É chegado o tempo da colheita.

Tênue

Quem conhece sua força
E, ainda assim, preserva a delicadeza imanente,
Descobre em si macho e fêmea
E tanto pode ir à guerra,
Quanto pode cuidar da cria.
(Daniel Lopez Guacaluz, “Equus” in Alfarrábios XV, p.30)

O tapa na cara veio seguido de um soco. Invadido. No instante em que a carne, em chamas, denunciou a transgressão, não queria ser o adulto independente que paga as contas e sustenta o luxo comedido. Da alma, apenas um grito, um impulso, uma necessidade, uma vocação: a humanidade lateja mais do que qualquer dor. Almejo a inocente condição infante que afaga e faz florescer. Ludicamente, o caminho faz sentido, traz sentidos. Frágil fio que tece manhãs, os entremeios dessa corrente de vida geme e atíça mais do que qualquer força externa. No existir, uma extrema pungência do capim que brota em meio aos seixos do caminho. Também do imponente bichano que, com crina, deixa marcas de cascos por onde passa. E do doce beija-flor que, todo prenhe, carrega vidas novas em doses pequeninas como si. Mas vida. Mais vida. Força de vida. Seiva. Selva. Garras afiadas que protegem rebento, que acarinham. Raiz que transita no subterrâneo nosso e cria clarões. Clareia. Troveja. Tempestade em mar aberto. É preciso ter duros pulmões para respirar em um mundo convulso entre releituras do pão e circo romano. Tudo palhaço. Tudo alegoria. Tudo vida. Tudo ressonância que ecoa. Viver exige fibra, sustento, sobretudo delicadeza.

Substantivamente

Meu nome é demonstrativo daquilo que não sei)
Meu nome no que jamais é em mim e nos outros)
(João Ayres, Heirquo34 in Alfarrábios XIII, p.20)

Pediram-me um livro. Queriam um compêndio das coisas que sei. Escrevi em página bordada apenas meu nome. Nada mais. Lacunas vazias que tudo podiam e não aconteceram. A acontecência, aliás, é um dos mistérios do laborioso maquinário dos não-ditos. Apenas esse mistério irrefutável de estar vivo. Uma página quase sem grafite. Uma folha linho limpa lisa vazia cheia. No baixo esquerdo, uma, duas palavras: meu nome virgem, inaugural, descortinador como uma criança pequenina. Meu nome, essa sabedoria negadora de tantos e de quase tudo, não sai de boca humana. Articula-se na gramatura ampla do tempo, suporte arranhado por diamante bruto. Sertão agreste de linguagem, de intenção, de contexto. Na fenda do eterno de estar, nada sei - ignorância é bênção. Se deus existe, seja ele o que for, não está em outro nome que não no meu. Nome é matéria de abdução, de fio de navalha, de lastro. Nome é esquivo desvio, passo mal dado, assombro. Exteriorismo puro. Neologismo da natureza. Pedra lascada na ânsia de entender-se. E nunca se entende. Viver dói, viver sangra. Ressoa na essencialidade bruta de saber-me vivo no continuum de bardos que é respirar. Aqui, bardo; lá, brado.



Desvio poético

Não, o ser humano não alcançará a imortalidade, nem individualmente e nem em sua coletividade.

(José Antonio C. e Silva, “Alguém quer viver até os 140 anos de idade? in Alfarrábios XII, p.34)

Poeticamente, em uma linha que nunca é reta, sempre torta, sempre imbricada, sempre vírgula, virgulo. Crio linguagem, crio palavra como se nada me pudesse parar - e pode? No terreno mítico da poesia, liberto-me de toda fragilidade do corpo e da alma grosseiras, sou todo sutil, todo delicadeza, todo eco dos muitos que me perpassam. A imortalidade do afeto existe e resiste. Mas apenas a do afeto dito, sentido, celebrado. Moro no coração dos que me conheceram - por imagem, por gesto, por letra. Moro em cada vão momento, em cada cerimoniosa homenagem. Moro nas memórias, num passado ainda roto preso em um futuro de cujas garras só tenho anúncio. Anuncio-me: meu corpo cessará. Já não tenho mais meus dezoito anos. Já não tenho mais cabelos medianos na cabeça. Já se vão a vista, o fígado, os dentes. A vida é muito longa e é cruel. Existir cento e quarenta? Não quero. A vida é muito curta e é seletiva. Existir neste instante? Faço-o. Um castelo de cartas aos ares, um motim de guerrilheiros que não conhecem sua causa. Minha gente, embora me perpasse, também não é infinda - em quantidade e em anos. Somos tantos, e nada somos. Finitos, afluentes escassos do grande tributo existencial. Desdobro-me ainda menino, quase adulto, sempre idoso. O tempo para o sineiro da travessia é ralo, é raso, é ramo, é raro.

LIGIA HELENA CARVALHO



Mestre em Teologia (Faculdade Moriah Internacional Center e FATEF), Teóloga, Cantora, Poetisa, Escritora, Compositora e Trovadora. Curadora do Sarau Sintonia Cultural. Integrante do Coletivo Afeto Poético e da UBT. Fundadora do projeto social Frutos da Adoração, SG. Atuante em diversos saraus e eventos literários no Grande Rio. Meus textos compõe diversas antologias. Autora do livro Dom de Poetizar, seu primeiro livro individual.



Ela

Para a minha filha Rebeca

Boneca feita com perfeição
Detalhes traçados com definição
Linda voz e cabelos cacheados
A arte da escrita, domina e manda o seu recado.
Tão doce gentil e tão educada Amiga,
parceira de muitas risadas.
Como pode tantas qualidades um ser carregar?
E a cada conquista me emocionar.
Na música, canta e compõe.
Seus poemas escreve e encanta a todos nós.
Ser perfeito, que veio para me encantar.
Ela me deixa apaixonada, basta um olhar.
Presente que a vida me deu.
Milagre da vida, assim nasceu.
Esperada, amada e única para mim.
Sonho que se realizou e encantou a todos nós.
Assim, Rebeca chegou,
transformando meu mundo e o enchendo de amor.

Ligia Helena Carvalho

Saudades do mar

Colocarei meus pés na areia
Vou sentir as ondas baterem em meus pés
Vou sentir o vento e o sol no meu rosto
Mergulhar no mar e sincronizar
as batidas do coração com ritmo das ondas.
Observarei as gaivotas em seu vôo
Deixarei areia escorrer entre os meus dedos
Relaxarei ao som das ondas
Revezarei entre mar e areia
Entre o sol e a água
Com esse ritmo, tentarei saciar a saudade de sentir
o toque dos pés descalços na areia
e do mergulho no mar tão intenso
Aquele pele molhada aquecida pelo sol que me aquece e
bronzeia
Aquele vento que refresca com sua brisa
De todas as coisas que mais tenho sentido falta
É de sentir a intensidade do mar em mim.

Ligia Helena Carvalho.

Perseverar

O que fez você chegar até aqui?
Qual é a sua inspiração?
Qual é a sua motivação?
Sei que tudo que se faz
Exige de cada um de nós fé e perseverança
Como um remar da vida
Nos rios, cheios de altas quedas e caminhos longos
A fluir em seu desviar de pedras e sequidões
Perseverar e nunca parar
E seguir em rumo a sua conquista
Nesse remar em direção de sonhos
E até mesmo de sobreviver
Sim de sobreviver as quedas que no caminho enfrenta-
mos
Com perseverança nos derramamos
E com fé conquistamos, desbravamos novas terras, histó-
rias e sonhos...
Use esse ritmo
Fé e perseverança
E alcance o tão batalhado viver que você sonhou!

Ligia Helena Carvalho

LIVIA LUGÃO



Poetisa e escritora Gonçalense, formando em Pedagogia e integrante da Academia de Letras, Arte e Ciencia. Participa dd eventos artísticos e literários, promovendo também o incentivo a leitura.



Infância

Houve um tempo em que eu morava numa caverna na floresta!

E fazia comidinha na lenha para alimentar a mim e minhas filhas! Muitas! Todas bonecas! Infância

Houve um tempo em que eu morava numa caverna na floresta!

E fazia comidinha na lenha para alimentar a mim e minhas filhas! Muitas! Todas bonecas! Lindas!

O jogo de tabuleiro embalava minhas tardes junto com bombom, paçoca e jujuba! E a boa e velha, coca_cola!

Passava horas a enfeitar a vida com minhas obras de arte!

Desenhava sol, estrela, lua e arco-íris de diversas cores!

Talvez por gostar de navegar pelas palavras, desenhava mares e peixes coloridos também .

E nunca esqueci de casas e bonecos!

Como esquecer da minha casa!

E dos amigos? Bonecos tinha! E milhares!

Sempre acompanhados de um cachorro magrelo e um gato de rabo enorme a sombra de uma árvore que dava maçã.

Lá era de certo meu quintal!

ALFARRÁBIOS XVI

Dormir era colo de mãe, chamego de pai e abraço de irmã!

Viver era sem duvida a melhor Escolinha! Como eu brincava!

Era sempre a primeira da classe!

A nota dez!

Juro que continuo me esforçando depois de crescer...

Sonhando eu habitava uma ilha perdida e saia pelos ares num balão mágico!

Lívia Lugao



MÁRCIA BARBIERI



Nasceu em Indaiatuba, São Paulo, em 1979. Formou-se em Letras pela Unesp e é mestra em Filosofia pela Unifesp. Participou de várias antologias e tem textos nas principais revistas literárias brasileiras. Foi uma das idealizadoras do Coletivo Púcaro, do canal Pílulas Contemporâneas e do projeto Pinot Noir Literatura. Publicou os livros de contos *Anéis de Saturno* (ed. independente, 2009), *As mãos mirradas de Deus* (Multifoco, 2011) e *O exílio do eu ou a revolução das coisas mortas* (Appaloosa, 2018). Entre os romances figuram *Mosaico de rancores* (Terracota, 2013) lançado no Brasil e na Alemanha (*Clandestino Publikationen*, 2016), *A Puta* (Terracota, 2014), *O enterro do lobo branco* (Patuá, 2017), finalista como melhor romance de 2017 pelo Prêmio São Paulo de Literatura 2018 e *A casa das aranhas* (Reformatório, 2019).

O coração dos pássaros

Para Tico e outros pássaros que tiveram a coragem de alçar voos mais longos

Descobri que ele era humano quando me contou sobre o preto. Lembrei dele sério, mãos no bolso, olhar compenetrado e assobiando em frente à gaiola, numa espécie de conexão incompreensível para mim...

Dizem que os pássaros tendem a ter corações maiores do que os mamíferos, isso é uma exigência metabólica do voo. Quando conheci Tico tive certeza que o seu coração era bem maior do que o meu, se o tivesse conhecido você também saberia disso e esse fato não te causaria nenhum espanto.

Agachei e comecei a cavar, as pessoas pouco a pouco começaram a se aglomerar, no início silenciosas e reticentes, depois se sentiram à vontade e começaram os buchichos e os risos nervosos. Não me abalei, continuei a cavar e jogar os pequenos torrões de terra ao lado do corpo morto. Um carro com a sirene ligada estacionou, dois policiais saíram e abriram espaço entre a multidão, ordenaram que as pessoas se dispersassem, caso contrário, usariam a força e não levariam apenas a mim para a delegacia, mas todos que se mostravam coniventes diante da minha loucura. No entanto, ninguém se assustou ou moveu uma pena do lugar, logo os policiais também pararam estupefatos diante do espetáculo.

Quando eu me virei para a multidão é como se eu visse a mim mesmo, numa espécie de brincadeira bizarra de duplicação: lá estava eu, em frente à gaiola, mãos no bolso, o olhar manso, boca projetada imitando um bico.

Durante o ritual fúnebre algumas imagens me voltaram à cabeça, me recordei do dia em que o Tico fugiu de

ALFARRÁBIOS XVI

casa. Minha mãe apavorada e tentando me poupar da dor do abandono (mães têm um jeito peculiar de não nos afugentar do ninho) não me disse nada. Para a sua surpresa quando fui até a varanda, depois da escola, lá estava ele, como se nada tivesse acontecido, inocente da sua intenção quase perversa de se desvencilhar dos seus, me olhou faceiro e esperou o assobio que ele retribuía sempre como um eco.

Não podíamos culpá-lo por sair e percorrer outros territórios. No final das contas o afeto acaba vencendo o desejo de liberdade. Voltamos. Tico saiu outras vezes, mas sempre retornava e ansioso esperava pelos meus passos vagarosos e pelos meus assobios. Ele assobiava de volta. Eu esperava. Ele assobiava de volta. Eu esperava. E assim foi por anos e anos, toda vez que eu me aproximava da varanda.

Eu poderia simplesmente parar de cavar e deixar o corpo morto descansando no jardim da praça, em meio aos lírios. Porém, minha irmã me alertou que ele poderia servir de alimento aos cães. Por isso, continuei cavando, alheio aos olhares perplexos do público. Minhas irmãs e minha mãe não paravam de chorar, meu pai estava um pouco mais afastado, mantendo intacta a sua função de homem inabalável. Quanto a mim, eu não chorava, me mantive forte durante todo o velório.

Suspendi o corpo morto antes de repousá-lo sobre a cova. Ele era tão leve que tive a impressão que a morte é só uma abstração. Pouco a pouco a multidão se dispersou. Os dois policiais já não estavam apreensivos e esqueceram de permanecer com as mãos sobre as armas, pequenas lágrimas escorriam dos seus olhos. Me levantei, desviei de alguns desavisados e voltei para a casa de cabeça baixa.

Esses dias tomei coragem e fui até a varanda. Assobie. Esperei. Tico assobiou de volta. Como um eco.

MAYA FALKS



É escritora e comunicadora, com formação em publicidade e jornalismo. Autora de cinco livros publicados, participante de mais de uma dezena de antologias e multipremiada, Maya também é resenhista do projeto Bibliofilia Cotidiana e trabalha com oficinas, mentorias e leitura crítica no Escritório Literário.



O antigo metrô

Maya Falks

Na cidade das sombras havia um lado iluminado que não era de direito das criaturas sem sobrenome. Eram todos largados à própria sorte, cada um disputando as migalhas que os do lado iluminado deixavam cair nos seus caminhos de ida e volta para seus ambientes onde seus animais de estimação viviam com mais dignidade que as criaturas sem sobrenome.

Como todos filhos da miséria, a desfiguração era uma característica comum. Não se viam ou reconheciam humanos enquanto a sujeira nas mãos formava uma película dura que tornava os movimentos ainda mais complicados.

Dormiam amontoados no piso duro do lado desativado do metrô onde tudo fedia à mijo e morte. Todo dia alguma criatura sem sobrenome era tirada arrastada por outra, subindo sem qualquer cuidado a escada do metrô até encontrar a luz do sol e continuar, mesmo lá, invisível.

Aos sucumbidos, com agulhas ainda cravadas nos braços, não existia serviço funeral. Sob o nome de “Ninguém”, eram incinerados como sacos de lixo e jogados em um bueiro qualquer. As sobras materiais eram divididas com avidez entre as demais criaturas sem sobrenome, um cobertor a mais em dia de frio podia ser a diferença entre a vida e morte no meio do vento corrente de onde antigamente corria um metrô sempre lotado.

Nas paredes escurecidas pela parca iluminação viam-se cartazes com putas decadentes posando sua mi-

ALFARRÁBIOS XVI

séria na frente de placas de neon, propagandas de botecos de quinta categoria com a oferta de jogos de azar proibidos por lei. Entre uns e outros, celulares avulsos sem nome de contato dos traficantes da região, para quem muitas das criaturas sem sobrenome ofereciam até os dentes da boca por uma última dose.

E quase sempre era mesmo a última dose.

Homens e mulheres, nenhum passado dos 25 anos, todos parecendo idosos decrépitos, nenhum reconhecido como humano pelo lado iluminado da sociedade, onde não havia criaturas sem sobrenome, mas pessoas com lares, empregos e dentes brancos. No buraco do antigo metrô os filmes de zumbi eram a vida real.

Na cidade das sombras, o sol não tocava as criaturas sem sobrenome. O buraco do antigo metrô era, por si só, um cemitério.

PAULO ANDRÉ



Nascido em Niterói no ano de 1959

Poeta e informata

Aprendiz no Ateliê do Pintor Maurício Machado
(amigo e também poeta)

Participante do extinto Sarau do Ponto Org.



PAZ

Apascenta tua mão
das guerras desta vida.
Pois nada é vão,
nem merece tamanha medida.

Não te rendas ao medo
e muito menos ao orgulho,
pois tudo que fere é o segredo
sendo apenas resto, entulho.

Cumprimenta com calma,
sorriso aberto de alegria
e com a cor serena de tua alma
respira amor todo dia.

Autor: PA – Poemas Inconclusos.

PENHASCOS

Te imaginar
me queima, arde.
Destila lágrimas
coloridas de saudade.

Abandona um cheiro
atormentado de alegria.

Toque áspero
da seda de teu beijo.

Me trazem de volta
de alturas infinitas.
Teus olhos serenos
de incertos penhascos.

Autor: PA – Poemas Inconclusos.

VOO

Te amei tanto!
Mas amei num silêncio sem perdão
que hoje grita absurdos.

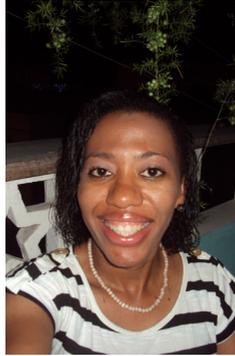
Despenquei do abismo
e sem tuas asas
descobri que o tombo,
longo e demorado,
era cor de púrpura e sangue,
sol de saudades inconfessáveis.

De braços abertos voei às cegas,
intui o impacto seco e ancestral,
na verdade um toque de pluma
de antigas angústias, um flerte.

E ainda amo tanto
que nem se faz de queda esse vazio
e enquanto não me esborracho,
insisto em perseguir esse amor.

Autor: PA – Poemas inconclusos.

PRISCILA MOREIRA



Enatural de Salvador - Bahia, psicopedagoga, poeta e escritora . Participou da Antologia Poética Internacional da Editora Cogito e da Mulher Poesia vol2. Em 2017 Participação no FANZINE Alfarrábios Edição XV e XVI do Selo Armazém de Quinquilharias e Utopias- 2020. Integrante do Núcleo de Poesia, Cultura e Arte chamado grupo Mel Mulheres Entre as Linhas. Integrante do Clube de Poetas da Bahia e do grupo de pesquisa contadores de histórias da Bahia chamado Cacimba de Histórias.

Minhas redes sociais

E-mail: priscilasmoreira@yahoo.com.br

[HTTPS://www.facebook.com/priscila.moreira.5283](https://www.facebook.com/priscila.moreira.5283)

[HTTPS://instagram.com/priscilas_moreira?igshid=1bnem3ez6cecg](https://instagram.com/priscilas_moreira?igshid=1bnem3ez6cecg)

twitter: @pithy_mana

VEJO VERDADE

Em seus olhos vejo verdade
Além do espelho suspiro a arte,
como talento dom da vida.

Vejo verdade.

Num ato de carinho e afeto,
sensibilidade na relação,
bela comunhão,
sinto uma emoções assim.

Vejo verdade.

Quando ilumina meus dias,
transmite alegria,
espanta a tristeza e
deixa ela de lado assim não me calo.

Vejo verdade.

Quando discute grita,
clama,
conclama
reclama paro e enxergo o que há.

Vejo verdade.

Quando me toca,
desmancha,
me larga,
me encara.

ALFARRÁBIOS XVI

Vejo verdade.
Quando me envolve,
me aquece,
protege,
zelando por mim.

Vejo verdade.

Quando observa os desígnios da vida,
Raios de luz e beleza,
Fleches de realeza
Resquícios da lindeza.

Vejo verdade.

Quando sinto rompantes em sensações
Cunhos de violações
delírios da realidade pálida ou erguida
plena delicadeza
obra prima rica em contemplação.

Vejo verdade.

Mistura de sentimentos,
emoções constantes,
momentos de saudade.

Vejo verdade.

Priscila Moreira

ENTRE ALTOS E BAIXOS

Sou pega de surpresa
Não imagino tamanha riqueza
Nossa mas que beleza.

...Entre altos e baixos...

Nem sempre felizes
mas estamos firmes de pé
Alimentados pela fé

...Entre altos e baixos...

É hora de ir embora, não aceito nem quero ir.

...Entre altos e baixos...

Mas é chegada a hora das despedidas,
triste mas assim é a vida.

...Entre altos e baixos...

Vivo dias de glórias e de guerras
mas também de paz.

...Entre altos e baixos...

Dias de melancolia, choro, lágrimas, tensão, ansiedade,
angustia, inquietação e orgia.

...Entre altos e baixos...

Madrugadas frias,

ALFARRÁBIOS XVI

ventos que sopravam,
ardiam,
noites impetuosas caladas
ou silenciosas.

...Entre altos e baixos...

Diante de conflitos
e processos internos
numa variação de sentimentos,
emoções,
sensações
em que me encontro,
comunico ou me relaciono.

...Entre altos e baixos...

A ferro e fogo,
no sobe e desce da montanha russa ,
vejo a existência humana como
uma roda viva perene,
gigante,
valiosa e sofrida mas sobrevive, resiste.

...Entre altos e baixos...

Está nascendo ou morrendo, simplesmente.

...Entre altos e baixos...

Está presente na alegria ou tristeza, segue o juramento
em alto bom som.

...Entre altos e baixos...

ALFARRÁBIOS XVI

Em meio à escuridão, pessimismo e pensamento negativo,
vejo enxergo raios de luz, flechas de sol .

Entre altos e baixos.

Priscila Moreira



REBECA CARVALHO



Estudante, cantora desde os 5 anos de idade, começou com apenas 9 anos a escrever poesias e trovas. Integra a União Brasileira de Trovadores - Sessão São Gonçalo e do Coletivo Afeto Poético. Ganhou diversos prêmios, foi noticiada por diversos meios de comunicação e tem seus trabalhos publicados em diversas antologias literárias.



Ser criança

Ser criança é uma fase da vida
que todo mundo passa ao crescer.
Ser criança é brincar de pique cola.
Ser criança soltar pipa e jogar bola.
Ser criança é ir à escola,
Mas na prova não pode dar cola.
Ser criança é ser assim, ser criança igual a mim.
Quando a criança cresce sua fase vai mudar.
E essa grande mudança não se pode recusar.
Na barriga dá lembrança nasce a palavra infância.
E com a infância na memória,
me lembro do meu ser criança na minha história.

Rebeca Carvalho.

Infância fantástica

Quando se é criança
Passa por uma fase maravilhosa
Fase de alegria
Fase de fantasia
Face da diversão
E faze da imaginação.
Fase em que a criança
Dentro da imaginação
Pode ir onde quiser
Pode ser o que quiser
Por exemplo:
A menina pode ser bailarina ou uma Super heroína.
Outro exemplo:
O menino, que seu futuro constrói
Pode dar a volta ao mundo
Pode ser super herói
Pois, dentro da criança
Existe uma coisa mágica
Que faz uma simples infância
Ser uma infância fantástica.

Rebeca Carvalho.

Liberdade de voar

O ser humano é semelhante a um pássaro
canta belas canções ,
voa pelos livros e pelas palavras
que são lhe ditas diariamente .
Tão semelhantemente os pássaros são da gente,
ou nós que somos dos pássaros?

Outras semelhanças são: os humanos e pássaros dentro
de si
tem amor e se é sobre estilo sabemos escolher a cor.
Tem e humanos que são mais quietinhos
ficam encolhidos no ninho e também
tem uns que são mais animados e
ficam voando e cantando pra todo lado .

Também semelhante aos pássaros
liberdade de voar pelas ruas ,
pelas florestas e em qualquer lugar.

ALFARRÁBIOS XVI

Nesses tempos de crise tenham esperança ,
fé e confiança ,e eu lhes peço (fiquem em casa)
e quando a crise passar vocês podem abrir as asas
pois assim como os pássaros nós temos a liberdade de
voar.

Rebeca Carvalho.



REGINA ALVES



23 anos de carreira natural do Rio de Janeiro atriz, poeta, performance, professora de Teatro, faz parte do Coletivo Afeto Poético. Faz consultoria de perfil e publicações redes sociais. Dirige duas CIA's de Teatro a Entuarte e a Interarte. Assina a direção Artística do Espaço Cultural Interarte. Autora do livro A Flora que Aflora Alma da Editora Autografia, participou dos Fanzines Epitaphio II, Fanzine Alfarrábios Vol.XIV & XV do Selo Armazém de Quinquilharias e Utopias de Paulo de Carvalho, da Antologia 21anos do Um Brinde à Poesia- editora Dowsley. Tem canal no YouTube de contos, poesias e Teatro. Em seu instagram @regginalves desenvolve lives que vai ao ar aos sábados sempre às 18:30H sobre Desconstrução & Construção do Ator - Personagem. Realiza junto ao Coletivo Afeto Poético lives as segundas, quartas e domingos. E ações no site do Coletivo AFE-TO Poético como as campanhas #poemasa-parummundomelhor.

MENINA MULHER

(para Dona da Voz -poeta Priscila Moreira)

A menina que habita nesse olhar persiste em não te deixar

Ela lhe toma sem a menor cerimônia e a faz doce... suave e FORTE!

Existe pessoas que forcem entradas e querereres e você apenas chega

E esse chegar acalenta quem vê ... quem permite receber o que tem pra dar

A voz predomina na calma e afaga a Alma e ouvidos apurados

De tanto trazer a docidade e firmeza na voz recebeu o afaço de A DONA da VOZ !

Uma GIGANTE com força de Davi com sua poética

Vem tão suave que não aparentava trazer tantas verdades e potência em sua poética

Sua escrita é necessária

Traz verdades, belezas, durezas , amores até pela natureza , trás a fé dos olhos da menina gigante que não parou por parar

A vida lhe deu pausas e você fez dela valsa

O mundo cheio de artimanhas e você a cada passo não ficou bamba

Apenas resignificou e redesenhou seus passos

A menina a FLORA, a gigante- se a cada dia e para meu deleite , prazer e amor posso ver de perto esse desaflorar

ALFARRÁBIOS XVI

de um novo e Belo ser
Que bom partilhar com você
Coisas tão lindas além dos passos
A dona da VOZ e dona do meu mundo
Aquele que não força entrada , mais se abrir a porta ela te
acolhe

Regina Alves



BOM DIAAAAÁ!

(Para o poeta Vini Borges)

Amanheceu lá na rede e não a da varanda e sim dos sinais
de onda

Aquelas que tem frieza mais pra ele isso não é certeza
Existe um menino homem que se recusa a parar de so-
nhar

Um sorriso que te obriga a sorrir e não te dando a chance
de não trocar

Ele tem os ares de trajetória suave

Fala que acalma e mãos que de fato de sustenta

Ele é o rei dos melhores bons dias , boas tardes e noites

Ele o menino homem não está nem aí para o lugar de ran-
cor

Ele aprendeu desde novo que as cores são as que dão o
melhor valor

ALFARRÁBIOS XVI

Aquele menino homem encanta a gente sem o menor pudor

Aquele menino homem sabe ser de fato homem e isso vai além

Do lugar de fala , além das cores de raça

Além das bandeiras , além

Muito além ,pois esse menino homem aprendeu que lutas são aquelas da empatia

Aquelas que temos como bandeira o querer o bem sem de fato olhar a quem

O menino de Santa Rosa tem os ares de Santa paciência de aromas de rosa.

Regina Alves



CHÁCARA DE AFETOS – AFETAM

(a pedido do poeta Vini Borges
falando através de sua poesia Chácara de Afeto)

Não sabemos na jornada quem será adeus

Passagem e casa

Quem será pernada, corrida e lado a lado em sua caminhada

A dor começa e não se sabe onde

Existe um Sol que está ali pra te aquecer

Basta você deixar pertencer

Tem olhares que te chamam e buscam

ALFARRÁBIOS XVI

Tem mãos que te seguram e fala: Estamos aqui com você!

E se cruzar seus caminhos ainda manda o que pensa com essa fala no final: Obrigado de Nada!

Tem o olhar como de um velho bruxo sábio que apenas observa com um sorriso no final

Sem pre julgamentos apenas o menear de cabeça em contentamento

Existe uma mulher nessa chácara que se assemelha com caminhos, braços , fala que acaçam .

Mãos que não soltam e olhares que te seguem

Você olha e sabe que estará lá não importa a jornada.

Existe um homem sábio e de riso elevado

Que nos acolhe através do canto e sons tão Poéticos

Um homem e a calma na fala como as ondas do mar

Existe nessa chácara um pequeno ser gigante com sorriso saltitante e

Com a escrita de alma velha

Existe nessa chácara seres fora da curva

Que se complementam e se acham nas trajetórias da vida

E contigo lutam... Nessa chácara existe lares nós corações das pessoas como um café de vó

Na chácara se ouve risos como um almoço de domingo

Nessa chácara tem afetos e eles afetam

Regina Alves

ROSEIRA

Não era qualquer mulher e muito menos qualquer toque
Seu beijo não tinha o gosto das despedidas
E sim do eterno
Com ápices de dor e delícias
Aos risos dos suspiros
Descontroláveis
Aroma de rosas , toques sensíveis
E profundos
Gotas de suor e respiração
Forte
Coração em picos quase rompendo
Máquinas
NÃO tem como controlar
Unhas felinas que marcam
A pele sangrando sobre o
Seu domínio predatório
Não ouse soltar
Ninguém sai imune ao seu toque
Já tirou uma rosa da ROSEIRA?
Sempre tocará seus espinhos
E soltará um aí
E sangue a gotejar suavemente
De seus dedos quem sabe do braço
E sentirá uma certa sensação
não de
Dor mais de satisfação ao ter
A Rosa nas mãos
Ela é assim
Mas ninguém passa por seu néctar ,
Aroma, belezas de encantar as vista
Sem se machucar e ainda
Sim querer voltar
Para sentir tudo de novo

Regina Alves

RITA PINHEIRO



Conhecida como Garimpeira da Cultura, nasceu na cidade de mãe de Deus / Bahia. Professora aposentada, Grão de tradição Oral, Bonequeira, arte educadora e ativista social desenvolvendo trabalhos em vários locais do mundo.

Escritora de cinco livros e várias antologias, segue para o desafio de lançar seu primeiro livro bilíngue: “ A mulher da janela “ traduzido para o espanhol.



MULHERES NO PODER

A Arte é poder
Somos flor que desabrocha,
Despetaladas...
Temos perfume que exala,
Nossas pétalas ?
São arrancadas
Sem pena , sem dó.
Somos néctar
Sangramos
E somos “ sangradas “.
Somos “ Sagradas “.
Germinamos
E geramos você: “ Algoz “.
A Arte é voz do poder.
Palavras são armas
Nosso corpo
Não mais será copulado
Sem nossa ordem.
Somos mulheres
Não desordem.
Das nossas entranhas
Saem esperança.
Cerra tuas mãos
E abre com carinho
Poderia ser tua mãe
Poderia ser tua filha !
Não esquece:
Sou apenas uma mulher
Basta !

SILÊNCIO DE POETA

Silêncio de poeta
Vira versos.
O sorriso do poeta
São os melhores versos de lágrimas.
A resposta não dada ao poeta
Vira verso falado
Se junto quadra num quadro
Faço um melancólico Fado.
Se o poeta para
Seus versos caminham sem direção
Poeta não tem rumo
Tem coração.
Cuidado !
Todo poeta é apaixonado
Ser disforme
Alado.
Poeta é amigo
Amante
Pedra bruta
Valioso diamante.
Sou poeta
Lírio
Rosa
Flor
Poeta é palavra
Poeta é amor.



O DIA CHEGOU

O dia chegou
O sol desnuda a mulher
E veste o destino , menino.
O dia chegou
O tempo pregou uma peça
Sem pressa, empresta as ondas pra eu caminhar
Mar.
O dia chegou
Corpo a corpo
Solidão de tempo
Menina , mulher , lamento
Amor.
O dia chegou
Carne escarnecida
Sorriso morno
De fogo ardente
Desejo.
O dia chegou
Vindouro
Ouro de mina
Corpo de esmeralda
Cio.
O dia chegou
Silêncio falado
Palavra silenciada
História não contada
Segredo não revelado
O dia chegou ??????

SOU MULHER

Falo as vezes demais
Me calo !
Ando
Caminho
Corro léguas
Não paro .
Sou Mulher !
Mulher de tranças
Tenho entranhas
Porque estranhas ?
Sou Mulher !
Divido
Duvido
Sou o seu ouvido...
Sou Mulher !
Sou sua
Sou dele
Sou de ninguém.
Sou mulher sim,
Que quer
Rejeita
Deseja
Janta
Almoça
Come
É comida
Digerida
Absorvida...
E goza
Da sua cara !
Antes que você esqueça
Eu sou mulher...

ROSANIA ALVES



Rosania Alves técnica de enfermagem
Em 2017 publiquei um livro, O Poder da Fé que surgiu do convívio e do trato diário com os pacientes da unidade de saúde da vida Familiar e social.

A arte que vence as diferenças.

Aquele menino em um canto chorava, não aguentava tanto apelido, que lhe colocavam.

Triste ele ficava, quando seus amigos lhe dirigiam palavras que em seu peito machucavam

Como:

Dumbo, cabeça as piadas eram diversas e entravam pelo seu interior,

causando tristeza, vergonha e indignação.

Faltava respeito ao colega de classe.

E ali o Bullying se caracterizava.

Triste e desanimado ele pensava, como resolver isso!

Sem perceber, uma amiga a situação notava

E resolveu ampara - lo.

Então decidiu contar que bullying também ela sofria .

Por seu cabelo cacheado, que chamavam bem assim: cabelo duro, bucha de cozinha, bombril e pixaim .

E mesmo assim tinha um talento que brilha que era escrever poesias.

Em meio à muitas risadas, meu talento eu demonstrei .

Ao ouvir aqueles aplausos a tristeza eu superei!

E sugeri ao menino que mostrasse o seu potencial musical.

ALFARRÁBIOS XVI

Só assim ele poderia transformar piadas em aplausos,
pois a arte de compor ele carregava

E através das suas melodias ilustraria aquilo, que ao longo da vida tanto o incomodava

E assim fizeram, ela escrevia poesias e ele humildemente as vestia, com suas lindas melodias .

E o Bullying que tanto o incomodava hoje virou tema de uma música campeã do festival,
no seu quinto ano colegial.

Rosania Alves
Rebeca Carvalho



O Brilho da Esperança e da Fé

Deixe que seus lábios Liberdade
Ao andar pelas areias, sinto o frescor
A percorrer meus pés, a brisa suave
Refresca o meu rosto
O cheiro do mar envolve minhas narinas
Levando ar puro para os meus pulmões
Que agradece se expandindo, trazendo bem estar, Revitalizando o meu corpo
E minha mente que em sintonia relaxam.
Observo as ondas , ouço os seus ruídos
Transformados em melodia, rompendo
O silêncio daquela manhã linda e ensolarada.
O céu limpo deixa transparecer o seu lindo azul, bordado com algumas nuvens claras formando desenhos, que ornamentam o nosso lindo espaço celestial todo iluminado pelos raios do Sol que aquece o meu corpo, energiza a minha alma ,fortalece a minha existência.
Continuo minha caminhada
E observo o Mar envolvente
E nele a bailar estão um casal de golfinhos
Verdadeiro símbolo do amor, insinuantes
Transmitem encantos e ternura com gestos trazendo beleza e paz.
Em seus movimentos calmos, suaves
Passam tranquilidade e segurança
Fechei meus olhos e me transportei
Imaginei o mergulho que me levaria a liberdade .
Mergulhei naquelas águas Claras
Nadei, experimentei momentos interessantes protegida estava,

ALFARRÁBIOS XVI

Pelos golfinhos atentos eles me vigiavam

E me protegiam.

Naquele momento senti o gosto da liberdade, arrepios
percorriam pela minha pele,

Era a energia que o meu corpo sentia

E se libertava do medo das águas do
mar ,que a muito tempo me atormentava.

Me senti livre e confiante

Abri os meus olhos

Naquele momento deixei ali meus medos

E temores

Meu coração agora está liberto e triunfante.

Rosania Alves



Liberdade

Ao andar pelas areias, sinto o frescor
A percorrer meus pés, a brisa suave
Refresca o meu rosto
O cheiro do mar envolve minhas narinas
Levando ar puro para os meus pulmões
Que agradece se expandindo, trazendo bem estar, Revitalizando o meu corpo
E minha mente que em sintonia relaxam.
Observo as ondas , ouço os seus ruídos
Transformados em melodia, rompendo
O silêncio daquela manhã linda e ensolarada.
O céu limpo deixa transparecer o seu lindo azul, bordado com algumas nuvens claras formando desenhos, que ornamentam o nosso lindo espaço celestial todo iluminado pelos raios do Sol que aquece o meu corpo, energiza a minha alma ,fortalece a minha existência.
Continuo minha caminhada
E observo o Mar envolvente
E nele a bailar estão um casal de golfinhos
Verdadeiro símbolo do amor, insinuantes
Transmitem encantos e ternura com gestos trazendo beleza e paz.
Em seus movimentos calmos, suaves

ALFARRÁBIOS XVI

Passam tranquilidade e segurança
Fechei meus olhos e me transportei
Imaginei o mergulho que me levaria a liberdade .
Mergulhei naquelas águas Claras
Nadei, experimentei momentos interessantes protegida
estava,
Pelos golfinhos atentos eles me vigiavam
E me protegiam.
Naquele momento senti o gosto da liberdade, arrepios
percorriam pela minha pele,
Era a energia que o meu corpo sentia
E se libertava do medo das águas do
mar ,que a muito tempo me atormentava.
Me senti livre e confiante
Abri os meus olhos
Naquele momento deixei ali meus medos
E temores
Meu coração agora está liberto e triunfante.

Rosania Alves



SOL DE PAULA



Habituada a esticar os braços para tocar a lua e se banhar nas águas sagradas de Oxum. Adora o mar e se enfeitar com as palavras por onde insiste em “navegar “. Natural de Niterói/RJ, psicóloga por formação e poeta por inspiração.

Autora do livro de poesias Sol em Pequenas Doses, recém lançado pela Editora Itapuca, apresenta sua poesia feminina negra e temas relacionados ao cotidiano.

Coautora de Antologias Poéticas em gêneros literários diversificados. Atua como Membro Correspondente da Academia de Letras do Brasil/Suíça e do Coletivo Afeto Poético.

Ativista cultural, espalha o pólen da poesia por todos os lugares que tenham pessoas interessadas em ressignificar seus lugares de fala.

Sua narrativa, além de abordar temáticas diversificadas, passeia por trilhas nem sempre tão seguras, lançando uma visão singular sobre questões íntimas de todos nós.

Através do Armazém de Quinquilharias e Utopias publicou no Fanzine Epitáfio e participará pela segunda vez do belo projeto literário - Alfarrábios.

Pacto de sobrevivência

Hoje fiz um pacto com a saudade.
Quase um pacto de sangue.
Quase um pacto de sobrevivência e pela ausência de dor.
Combinamos nos afastar por tempo indeterminado.
Cortamos os pulsos, aparamos arestas, secamos as lágrimas.
Juntamos o líquido vermelho que circula em nossos corpos,
Para nutrir a essência da vida e iludir a despedida.

Prometi não falar mais seu nome.
Ela prometeu não trair mais os meus desejos.
Pedi força aos meus protetores para superar a distância.
Ela pediu trégua aos seus admiradores para encurtar a semântica.

Feito cumplicidade de amantes,
Tempo e saudade soltaram suas mãos.
Feito desejos originais quase primitivos,
Lágrima e suor se entrelaçaram no olhar.
Feito serenidade na maturidade,
Folhas secas e ventania prometeram amor eterno.
Até perceberem que a saudade, simplesmente, é inimiga das horas...
...de amor,
E faz todo gozo ter mais sabor.

Legítima Defesa

Dia que tinha tudo para ser bom.
Sol aquecendo a alma,
brisa alinhando a calma.
De repente fiquei sem chão.
Vi minhas raízes ceifadas,
queimadas pelo egoísmo pagão.
Tento juntar as cinzas, mas minhas mãos estão mancha-
das.
Pelas lágrimas que ainda insistem em me inundar.
Coração aperta. Não relaxa. Despedaça.
Olho para trás e já não vejo o meu passado.
Miro no meu futuro e não enxergo o reflexo do que um
dia já foi.
Estou perdida nas minhas configurações.
Mas em legítima defesa,
confesso que matei um sentimento para me resguardar.
Preservar um laço que era feito de carinho,
e fazia parte do meu caminho.
Mas bem devagarinho irei me reconstruindo.
Juntando pedaços,
Reunindo âlibis para provar que para injusta agressão,
Ainda pode existir uma dose de perdão.

VINI BORGES



artista plástico e poeta niteroiense, produz arte como modo de expressão de sua perspectiva na rotina coletiva. Membro do Coletivo Afeto Poético. Este é um dos primeiros fanzines de que participa e sua primeira obra individual está no prelo. Assina os trabalhos de artes visuais que compõem a exposição “Poéticas de Carolina”, em homenagem à obra de Carolina Maria de Jesus.



Bariocas

Poema de Vini Borges

soteropolitanos
gente alegre, criativa
poesias temperadas com dendê
e doces como a cocada dessa manhã
- aquecem nossos corações!

soteropolitanos
seus ritmos encantam
sacodem para a vida
nos abrilhantam
nos fazem sair do lugar comum

o Cristo abriu seus braços
e nos misturou, abençoou e batizou.
bariocas nos transformou
uniu povos tão distintos e com energias tão únicas
fez nascer um coletivo que é pura emoção,
corações que se entrelaçam em muitas linhas
escrevo para esse afeto imortalizar
cariocas
se entregam, se apegam
e chamam para a festa
no Rio com águas límpidas
curso a saudar essa eterna confraternização

bariocas
gente tão diferente e irmanada nessa missão:
reverberar a arte
abraçados em um só coração
bariocas em ação!

Coletivo

poema de Vini Borges

Era pra ser verdade,
ninguém acreditou.

Era pra ser autêntico,
tinha fragmentos da falsidade.

Era pra ser colorido,
acordou em preto e branco quase opaco.

Eram figuras ilustres,
terminou no esquecimento, sem aquecimento.

Almas em estado sólido, estalactites de enfeites.

Eram pessoas imunes,
a capa não os cuidou de doenças,
Ori aberto sem proteção,
despacho feito, pularam pipocas.
Era ele, eram elas,
ora poesia, ora heresia,
intactos em seus monumentos sem valor.

Era do renascer,
remanescer, nascer,
resplandecer, exercer.
Futuro já vivido, imaginado.
Trajetória a seguir.

WAGNER TXR

agner nyhyhwhw é um autor criado, dentre outros, por Wagner Teixeira, para assim ampliar ao máximo as possibilidades de criação artística. Desde que se entende por personagem inventa outros autores, histórias e loucuras diversas. Iniciou na infância escrevendo e desenhando nos cadernos da escola. Depois conheceu os fanzines e passou a editar e colaborar em diversos deles. Suas produções recentes podem ser acompanhadas pela Editora Merda Na Mão - <https://editoramerdanamao.blogspot.com> - e no blog <http://partesforadotodo.blogspot.com.br>



Textículos de
agner nyhyhwhw

contos da Pós-Carochinha: VAI VOTAR EM QUEM? (E daqui a pouco tem eleição de novo)

Foi uma vez, se encontraram no elevador, descendo:

-E aí, vai votar em quem?

-Não sei, a Ubaldina e o Crézio ainda não confirmaram se vão se candidatar. Tão com umas boas ideias, apesar de...

-Hã? Do que tu tá falando?

-Ué, da eleição pra síndico, não tá indo pra lá?

-Síndico é o caralho. Tô falando em quem você vai votar

pra Herói Nacional.

-Ah, não, aí tô fora, não voto.

-Que isso, você não pode ficar nessa alienação. Tem que participar. Exercer seu direito de cidadania. Vivemos numa democracia e você esnoba? Vai deixar de votar? Vou te dar a dica. Capitão Messias é o cara. Ele vai mudar esse país.

-É?

-Vai acabar com essa roubalheira aí. E acabar com a mamata dessa vagabundagem que não quer saber de trabalhar.

-Bem, essa eleição é só mês que vem. Enquanto isso, podemos participar da assembleia de hoje. Na pauta, vão ser discutidos pontos interessantes, como a implantação de coleta seletiva no condomínio, criação da horta comunitária e possibilidade de instalar um sistema de captação de energia solar no prédio.

-Energia solar? Fala sério. Tô falando de coisa séria. Tô indo lá na passeata dos patriotas, na Praia Grande. Vai bombar. Centenas de milhares de gente do bem. O Capitão vai tá lá, vai discursar. Vai ser histórico. Vê se vou deixar de participar desse momento pra ir em reunião de condomínio. Forgive.

-Sei. Mas você que tá sabendo de tudo me diz: quais as propostas desse cara que até agora ninguém soube me dizer?

-Propostas? Ele é honesto porra! Vai acabar com essa corrupção que tá aí. Com essa cambada de comunista filhodaputa!

-Calma, não precisa gritar, tô só perguntando. Mas ele não é deputado há 30 anos? O que ele fez nesse tempo que o credencia a se tornar Herói Nacional?

-Ele é honesto porra! Vai mudar isso que taí, acabar com esses comunistas!

-Tá bom já entendi. Não precisa cuspir em mim.

ALFARRÁBIOS XVI

-Você tem que se informar, precisa se inteirar mais das coisas. Não podemos deixar de votar. É nossa grande chance de arrumar esse país.

-Sei.

Assim, seguiram rumos diferentes.

Tempos depois, as iniciativas do condomínio estão paradas por falta de quorum.

Já o Capitão Messias foi eleito, e alguns foram felizes por um tempo.

PESSOAS EM SITUAÇÃO DE ESCRITÓRIO

Se o sujeito vivendo na rua

É apontado como inútil, vagabundo, pária social

O sujeito que passa o dia enfurnado num escritório

Esperando a hora de bater o ponto

É o que?

JUSTISSA 4.0

Inteligência Artificial desenvolvida pelo Grande Tribunal para julgar pedidos de liberdade condicional.

Como maior parte dos presos é negra, IA conclui que negros têm maior probabilidade de cometer crimes, conforme sua programação. Assim, concede condicional apenas para brancos.

Diante de críticas, Autoridades afirmam que não há o que se questionar, máquinas não têm preconceitos, são racionais, exatas, confiáveis. Se calcularam que há alto risco em conceder condicional pra determinado preso, é fato.

Destarte, está tudo certo.

Cumpra-se.

ALFARRÁBIOS XVI

TENTEI VENDER A ALMA MAS O DIABO NÃO TINHA MUITO PRA OFERECER

Certa vez, Diabão apareceu:

-Entregue-me vossa alma, e a glória lhe concederei.

-Que tipo de glória?- questionei.

-Farei de você o Rei de toda a Terra.

Desembestei a rir.

-E pra que vou querer ser rei dessa merda?

-Bem- gaguejou Diabão- Então lhe faço Rei do Inferno.

-Vai se fuder.

-Me dê logo sua alma ou acabo com a vida de todas as pessoas que você ama.

-E quem disse que amo alguém?

-Credo. Você está me deixando deprimido. Vou partir.

Adeus.

E assim terminou meu encontro com Diabão.

GUERRA

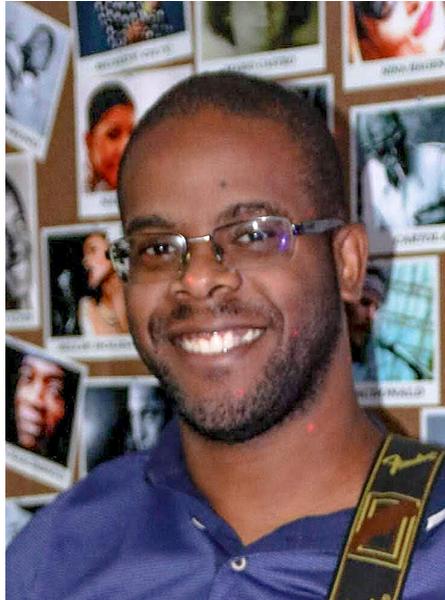
Não sei quem venceu

Mas sei quem perdeu

TENHO DITO

Nunca leve a sério quem tem mais certezas que dúvidas.

WELLINGTON CARVALHO



Músico e professor de música. Poeta de-pouco, inspirado pela sua esposa Ligia Helena Carvalho e pela filhota Rebeca Carvalho, coloca no seu trabalho artístico uma forma de levar a sua fé e a sua visão de mundo.



Parte de mim

Pedacinho de mim

Parte de mim

Parte minha, a parte de mim

Parte vinda de outra parte

Somada a minha

Parte de um sonho inteiro, meu sonho

Confiada a mim

Confie em mim, peço

Caminhei seus passos, e caminho

Parte do meu caminho

Caminho meu, a parte de mim

Semelhante a mim em parte

Diferente de mim em grande parte

Ganhe o mundo, espada, flua!

Saiba que sou parte sua

Partilho, compartilho-me a tí

Pedacinho de mim

Wellington Carvalho

Quarentena em Amor!

Varandas que outrora silenciosas, agora sonoras
relembro uma canção de esperança.” Porque ele vive”!
As vozes dos pais e dos filhos resoam poesias pelas casas
“posso crer no amanhã”!
As máscaras agora demonstram amor e cuidado
Um povo distanciado porém unido
Se ouvindo, se amando
Esperando esperançosos
Aguardando ansiosos o abraço apertado
Vai passar e que passa logo!
Só não passe o afeto, a troca de olhares
O abraço e o calor das conversas e das resenhas
Que não passe o amor!

Wellington Carvalho



WINTER BASTOS

Autor do livro de contos "Prisões de Estimação" (Ed. Itapuca, 2019) e do livro de crítica literária "Malandragem, Revolta e Anarquia: João Antônio, Antônio Fraga e Lima Barreto" (Ed. Achiamé, 2005). Em 2011, recebeu menção honrosa no IX Concurso Municipal de Conto Prefeitura de Niterói, sendo publicado pela Ed. Niterói Livros com os demais premiados. Obteve menção honrosa no 7º Prêmio UFF de Literatura, em 2013, tendo conto incluído em antologia da EdUFF. Obteve 1º lugar no festival de Contos do CLARON de 2016. Recebeu 10º lugar no Concurso Bram Stoker de Contos em 2018. Teve o conto "Depoimento" selecionado pelo Selo Off Flip para integrar a coletânea "Parem as Máquinas!" em 2020. Fundador do blogue Expressão Liberta. Editor do fanzine O Berro (oberrofanzine@gmail.com). Colaborador com textos para o jornal Transversus e para a revista Contra Legem.



Mulher, Cerveja e Jazz

CRÔNICA

Quando Ric me mostrou o soneto que tinha escrito, eu fiquei bobo (pra não dizer que fiquei morto de inveja: inveja é coisa feia, né?). Ele tem talento mesmo. É o meu avesso: enquanto só fico rabiscando minha prosa reles quase diariamente, ele passa um tempão sem escrever nada, só ruminando Castro Alves, Sylvia Plath, Paulo Leminski, Cruz e Souza, Dante Alighieri, lendo e relendo versos de sua seleta biblioteca. Mas então, lá uma vez ou outra, cria um poema que a gente fica de queixo caído.

– Cara, comé que cê consegue escrever um troço tão bom assim? – deixei escapar quando levantei os olhos do papel enquanto ele mastigava seu pão na chapa, na Padaria Tijucana.

Foi aí que ele me contou. O cara tinha combinado sair com a mulher para comerem uma pizza e curtirem um bom jazz num lugarzinho que tinha descoberto no bairro. Ric não gosta de nada que não seja poesia e jazz. Pra ele não existem cinema, samba, tevê, nada. Então, quando ficou sabendo que iria tocar jazz naquela quinta-feira na tal pizzaria, ficou falando do assunto em casa todo dia. Doido pra ouvir os acordes do trompete ao vivo, coisa rara morando num Rio de música pop.

Mas no dia a mulher ficou com uma enxaqueca terrível.

– Vai você, amor. Eu fico bem aqui, não tem problema.

Ric foi sozinho. Levou um Carlos Drummond de Andrade embaixo do braço. Pizza, cerveja, jazz, e leitura de poesia nos intervalos que os músicos tiravam. Depois dum bocado de cerva, até tomou coragem para pedir que tocassem

ALFARRÁBIOS XVI

alguma coisa de Dizzy Gillespie. E foi um extâse quando ouviu os acordes de A Nigh in Tunisia, ele me disse.

No fim da apresentação, saiu satisfeito. Na esquina, esperou táxi. Era tarde à beça.

Ficou em pé na calçada, pensando que a mulher não teria como ter ido ali sozinha. Até poderia ir, na verdade, mas a noite para ela nunca poderia ser tão gostosa. Pra começar, os caras da mesa ao lado iriam ficar olhando em sua direção com olhos pidões. Talvez conversassem entre si em voz mais alta para que ela ouvisse seus comentários "elogiosos", fora de hora e de propósito. O que ela poderia fazer a respeito? Reclamar com eles? Responderiam que estavam só papeando entre eles e que não estavam falando dela. Um constrangimento, no mínimo.

Ou alguém chegaria até a mesa e perguntaria se ela estava sozinha, atrapalhando que ela curtisse o jazz. Talvez um homem interrompesse sua leitura na hora do intervalo da música, fazendo uma piadinha. Se ela risse, o sujeito interpretaria que ela estava interessada nele. Se ficasse séria, seria tachada de antipática, convencida, sem senso de humor. Daí seriam contínuos comentários zombeteiros na mesa dos homens, ao longo da noite toda.

Depois, na hora de ir embora, ela ainda teria que se preocupar com o perigo de ficar sozinha tarde da noite esperando táxi. No caso de sofrer alguma violência, ainda teria que ouvir depois: "Mas, também, o que uma mulher casada estava fazendo na rua bebendo cerveja sozinha naquela hora da noite?!".

Em casa, Ric não deitou logo, parou na frente da escrivaninha e deu à luz o soneto que depois me mostrou.

– Entendi, Ric. Boa história essa. Posso usar numa crônica?

– Pode, claro.

– Você já mostrou a poesia para a sua mulher?

– Bem, no dia seguinte ela viu e foi uma situação meio

ALFARRÁBIOS XVI

esquisita.

– O que foi que rolou?

– Quando acordei ela estava com a poesia na mão, lendo. Perguntei o que ela achou.

– E aí?

– Gostou. Mas viu que o poema tinha como dedicatória: "À mulher". Daí perguntou se eu estava dedicando a alguma "zinha" que eu tinha visto na pizzaria na noite anterior. Difícil convencer que era dedicado às mulheres em geral.

ALFARRÁBIOS XVI